

3

Palavras, palavras, palavras

“Nunca na história deste país um presidente falou tanto: Luiz Inácio Lula da Silva faz um discurso a cada dia útil – e são raros os que duram menos de 15 minutos.”.

José Casado, O Globo, 24/06/2007

A afirmação do jornalista José Casado de que o presidente Lula faz um discurso a cada dia útil não é força de expressão nem exagero retórico: nos 12 meses que vão de 1 de abril de 2006 a 30 de março de 2007 o presidente Lula fez 250 discursos. Esse número inclui apenas os discursos que Lula proferiu na qualidade e no papel de presidente: não estão incluídos aí os numerosos discursos do candidato Lula em campanha pela reeleição.

Esses 12 meses são especialmente interessantes do ponto de vista da Análise do Discurso pois podem ser divididos em três períodos distintos, explicitados a seguir, e que nomeei de acordo com o modo pelo qual o presidente Lula se apresenta/se representa, em cada um deles, em relação à sua candidatura.

(1) Primeiro período: *o candidato relutante* – O primeiro período vai de 01/04/06 até 24/06/06, data em que Lula aceitou oficialmente a indicação do PT para se candidatar à reeleição. Até então, o presidente Lula não só ainda não era oficialmente candidato à reeleição como, ao ser questionado sobre se pretendia ou não buscar um segundo mandato, dava sempre respostas inconclusivas.

(2) Segundo período: *o candidato oficial* – A partir de 24/06/06 até 29/10/06, data do segundo turno das eleições, tendo aceitado oficialmente a indicação de seu partido para concorrer à reeleição, o presidente Lula se torna também o candidato Lula.

(3) Terceiro período: *o candidato vitorioso* – A partir de 29/10/06, com a vitória nas urnas, Lula assume o papel de candidato vitorioso, concomitantemente a seu papel de presidente. O período abrange o final do primeiro mandato e os primeiros três meses do segundo mandato, até 30/03/07, passando pela segunda posse em 01/01/07.

Para o presente trabalho – uma análise sociolinguística de viés interacional de narrativas encaixadas em discursos políticos – selecionei seis discursos entre os 250

pronunciados pelo presidente Lula entre abril de 2006 e março de 2007. Deste universo de 250 discursos em 12 meses escolhi seis discursos serão objeto de uma análise qualitativa, inserida em um paradigma interpretativista/ construtivista, que olhará para as narrativas encaixadas nos discursos pronunciados de um ponto de vista micro, procurando ver *como* o presidente Lula constrói identidades e sentidos. Minha análise, portanto, privilegiará o *como*, ou seja, o processo de elaboração de significados no decorrer da interação, sendo a interação, neste caso, o pronunciamento do discurso em determinado evento e frente a uma platéia específica.

A análise a ser empreendida buscará ainda ver como as identidades e os sentidos, discursivamente criados e projetados, se articulam e constroem *versões do mundo* (Baker, 2001, p. 778). Essas versões do mundo, construídas discursivamente nas narrativas, estabelecem uma espécie de diálogo (no sentido do dialogismo bakhtiniano) com outras versões de mundo projetadas por sujeitos variados, inclusive o próprio Lula, em inúmeras outras realizações discursivas ao longo do tempo, às quais temos acesso em virtude de compartilharmos a mesma cena social. (É bom que se diga que esse acesso nunca é direto e neutro, mas se dá na forma de interpretação.) Do diálogo entre versões de mundo – que às vezes toma a forma de embate – outros sentidos emergem. Uma análise qualitativa buscará também, tanto quanto possível, lançar alguma luz sobre esse diálogo.

O quadro abaixo mostra o número de discursos pronunciados a cada mês e em que meses se localizam os discursos que selecionei para análise:

Mês/Ano	Discursos Feitos	Discursos Selecionados
Abril 2006	24	
Mai 2006	23	1
Junho 2006	36	3
Julho 2006	17	
Agosto 2006	19	
Setembro 2006	18	
Outubro 2006	06	
Novembro 2006	20	
Dezembro 2006	19	1
Janeiro 2007	17	
Fevereiro 2007	19	
Março 2007	32	1
TOTAL	250	6

Pode-se notar que os discursos são mais numerosos nos quase três meses que antecedem a oficialização da candidatura de Lula (24/6), sendo que junho registra o maior número de discursos: 36. A média para esses três meses é de quase 28 discursos por mês, ou seja, mais de um discurso por dia útil. Nos três meses seguintes – julho, agosto e setembro – a média cai para 18 discursos por mês: já oficialmente candidato, Lula faz também discursos de campanha, na qualidade de candidato, não de presidente, os quais, como já mencionei, não estão incluídos no total de 250. Outubro, sendo o mês dos dois turnos da eleição, registra o menor número de discursos pronunciados por Lula na qualidade e no papel de presidente: apenas 6. Nos quatro meses seguintes – de novembro a fevereiro – volta-se à média de pouco menos de 20 discursos por mês. E março registra o segundo maior número de discursos desse período: 32.

Tendo feito uma média de 20 discursos por mês entre abril de 2006 e março de 2007, o presidente Lula discursou em uma gama muito variada de eventos ou cerimônias – inaugurações, lançamentos de obras ou projetos, formaturas, comemorações de datas festivas ou de atingimento de metas, posses e transmissões de cargo, cerimônias de sanção de leis, congressos, reuniões de chefes de estado, assinatura de acordos, visitas de chefes de estado estrangeiros, etc. – e conseqüentemente, para tipos de público igualmente variados. Para selecionar as narrativas nas quais eu iria centrar minha análise, passei a ler discursos pronunciados no período acima especificado, escolhendo entre as várias ocasiões aquelas que, pelo tipo de acontecimento (eventos de cunho mais social) e tipo de público correspondente, me pareciam mais propícias à ocorrência das narrativas encaixadas.

Separei os seis discursos a seguir:

Data	Local	Evento	Item
23.05.06	Aguiarnópolis TO	Vistoria às obras da Ferrovia Norte-Sul	5.2.2
02.06.06	S. Paulo SP	Lançamento do Plano Nacional de Qualificação Profissional e do Programa Jovem Aprendiz	4.2
14.06.06	N Iguazu RJ	Formatura dos alunos do programa Mova Brasil	4.3
<i>24.06.06</i>	<i>Lula aceita indicação do PT para se candidatar à reeleição</i>		

Data	Local	Evento	Item
27.06.06	Brasília DF	Abertura 1º Congresso de Economia Solidária	5.1
<i>29.10.06 Lula vence as eleições presidenciais em segundo turno</i>			
27.12.06	Brasília DF	Assinatura do Protocolo de Intenções de Valorização do Salário Mínimo	5.2.1
30.03.07	Olinda PE	Formatura do Programa ProJovem	4.1

Depois que a lista acima estava pronta, tendo seguido o critério de procurar discursos em eventos que, pelo tema, me parecessem mais favoráveis à ocorrência de narrativas pessoais, observei que eu havia selecionado três discursos feitos por Lula antes de aceitar oficialmente a indicação do PT para concorrer à reeleição, um do período em que ele estava oficialmente em campanha e dois do período pós-eleitoral, um no final do primeiro mandato e outro, já no segundo mandato.

No período pré-eleitoral anterior à oficialização de sua candidatura, o presidente Lula agia como se ainda não houvesse decidido se iria ou não ser candidato e era acusado pelos adversários de já estar fazendo campanha, de estar utilizando indevidamente as oportunidades proporcionadas pelo cargo para fazer campanha eleitoral. É interessante que justamente este período registre a maior média de discursos por mês, e que, justamente neste período, eu tenha encontrado vários discursos com narrativas pessoais encaixadas.

No quadro acima os discursos estão ordenados cronologicamente. No corpo do trabalho, no entanto, o critério de ordenação será outro. Os discursos estarão agrupados, independentemente de cronologia, em dois capítulos: o capítulo 4 reúne três discursos em que o presidente Lula se dirige a uma platéia presente de beneficiários de programas sociais do governo e projeta auto-representações identitárias ligadas a seu passado de migrante nordestino e operário em São Paulo. O capítulo 5 agrupa três outros discursos onde o presidente constrói representações identitárias ligadas a seu passado de líder sindical e/ou a seu presente como presidente da república, se dirigindo a platéias presentes variadas que têm em comum o fato de não serem formadas por beneficiários dos programas sociais do governo.

Listo a seguir, na ordem em que aparecem na presente dissertação, os três discursos que são objeto do **capítulo 4**, fornecendo alguns detalhes sobre o evento ou cerimônia em que cada discurso ocorre:

— *Discurso do presidente na república na cerimônia de formatura do programa **ProJovem**, em Olinda, Pernambuco, em 30 de março de 2007.* ⇨ O Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) foi criado em 2005 tendo como público-alvo jovens entre 18 e 24 anos, sem emprego formal, que tivessem terminado a 4ª. série do ensino fundamental, mas não tivessem concluído a 8ª série. Como se pode inferir da definição do público-alvo e como fica claro ao se ler, na íntegra do discurso, as histórias de vida resumidas de alguns dos formandos, o programa se dirige a jovens em situação de risco-social e tem um caráter de intervenção social.

— *Discurso do presidente da república na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Qualificação Profissional do Prominp e Programa **Jovem Aprendiz**, em São Paulo, São Paulo, em 2 de junho de 2006.* ⇨ Numa mesma solenidade, em São Paulo, em 02/07/06, com a presença do presidente Lula, a Petrobrás lançou o edital do processo seletivo público do Plano Nacional de Qualificação Profissional do Prominp (Programa de Mobilização da Indústria Nacional do Petróleo e Gás Natural) e o Programa Jovem Aprendiz em São Paulo, com a contratação de 292 participantes. Em seu discurso, o presidente se dirige especificamente a esses jovens 292 jovens, que participam da cerimônia, como platéia presente. O programa Jovem Aprendiz se propõe a oferecer capacitação técnica para jovens com idades de 15 a 18 anos inscritos no Bolsa Família e no Primeiro Emprego e que estejam cursando o ensino regular. Há semelhanças evidentes entre a platéia deste discurso e a do discurso da cerimônia de formatura do ProJovem, apresentado acima: em ambos os casos, trata-se de uma platéia presente composta por jovens pobres, beneficiários de programas sociais. Há também algumas diferenças: o Programa Jovem Aprendiz atende jovens de no máximo 18 anos que estejam estudando e o treinamento de dois anos é já uma oportunidade de trabalho na Petrobrás, com carteira assinada, na qualidade de aprendiz. Já o público do ProJovem completou 18 anos sem concluir o ensino fundamental e o que o programa visa é oferecer elevação da escolaridade juntamente com alguma qualificação profissional para promover a chamada inclusão social.

— *Discurso do presidente da república na cerimônia de formatura dos alunos do programa **Mova Brasil**, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, em 14 de junho*

de 2006 ⇒ O programa Mova Brasil é um programa de alfabetização de adultos com metodologia de ensino baseada na metodologia de Paulo Freire, patrocinado pela Petrobrás com participação da Federação Única dos Petroleiros. O público-alvo precisa ter mais de 15 anos e não ser alfabetizado e, como se pode notar pela leitura do discurso, uma parcela desse público é constituída por idosos.

Dois dos discursos acima (o do Jovem Aprendiz e do Mova Basil) foram pronunciados no período pré-eleitoral antes de Lula se tornar oficialmente candidato à reeleição, enquanto o da formatura do ProJovem foi feito no terceiro mês do segundo mandato. Em que pese a diversidade geográfica (um discurso pronunciado em Pernambuco, outro em São Paulo e um terceiro no Rio de Janeiro) e a diferença de faixa etária das platéias presentes (jovens em dois dos discursos e adultos, inclusive muitos idosos, no terceiro), esses três discursos apresentam pelo menos um ponto de contato: em todos eles a platéia presente era formada por beneficiários de programas sociais ligados à educação básica e a alguma forma de capacitação profissional.

Já o ponto de contato entre os três discursos listados a seguir e que constituem o **capítulo 5** é justamente o fato de suas platéias presentes não serem formadas por beneficiários de programas sociais do governo. Os três discursos estão listados abaixo na ordem em que aparecem neste trabalho, que não corresponde a uma ordenação cronológica: o primeiro foi feito durante a campanha eleitoral (27.06.06); o segundo foi proferido após a vitória nas urnas (2.12.06); e o último deles foi feito um mês antes da oficialização da candidatura de Lula (23.05.06).

— *Discurso do presidente na república na cerimônia de abertura da I Conferência Nacional de **Economia Solidária** – Economia Solidária como Estratégia e Política de Desenvolvimento – em Brasília, DF, em 27 de junho de 2006*
⇒ A Wikipédia define Economia Solidária como “um modo específico de organização de atividades econômicas [que] se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre seus membros.” Na introdução do verbete, a mesma enciclopédia diz:

“Economia Solidária é uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza (economia) centrada na valorização do ser humano – não do capital – de base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida. Assim nessa economia, o trabalho se transforma num meio de libertação humana dentro de um processo de democratização econômica, criando

uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações do trabalho capitalista.”

O Ministério do Trabalho tem um *Programa de Economia Solidária em Desenvolvimento* que, segundo o *site* do ministério, “promove o fortalecimento e a divulgação da Economia Solidária, mediante políticas integradas visando a geração de trabalho e renda, a inclusão social e a promoção do desenvolvimento justo e solidário.” Este é justamente o tema da conferência em cuja abertura o presidente Lula discursou. A cerimônia de abertura da conferência conta com a presença de várias autoridades, inclusive o Ministro do Trabalho, o Ministro do Desenvolvimento Agrário e o Secretário Especial da Aqüicultura e Pesca. Verifiquei ainda, a título de ilustração, que o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNISINOS tem um grupo de pesquisa de Economia Solidária. Tudo isso aponta para uma platéia presente bastante diferente, em alguns aspectos, das platéias formadas por beneficiários dos programas sociais do governo: aqui seriam adultos, profissionais, com nível de escolaridade de médio a alto.

— *Discurso do presidente na república na cerimônia de assinatura do Protocolo e Intenções de Valorização do Salário Mínimo, em Brasília, DF, Palácio do Planalto, em 27 de dezembro de 2006* ⇒ Após sua reeleição, no final de dezembro de 2006, o presidente Lula assinou acordo entre o governo federal e as centrais sindicais para garantir ao salário mínimo aumentos reais a partir de abril de 2007. Um projeto de lei para regulamentar o acordado foi aprovado na Câmara em junho de 2007 e enviado ao Senado. Consultando o sistema de tramitação de matérias no Senado em dezembro de 2007, percebo que a tramitação ainda não está concluída. Por outro lado, o valor acordado no protocolo de intenções como valor do salário mínimo a partir de abril de 2007 é efetivamente o valor do salário mínimo nacional desde então. De qualquer forma, essas considerações são apenas pano de fundo, já que meu foco no presente trabalho é tão somente a análise da narrativa encaixada no discurso que o presidente Lula pronunciou por ocasião da cerimônia de assinatura do referido protocolo de intenções. Quanto à platéia presente ao proferimento do discurso no Palácio do Planalto, este é um discurso *sui generis*: apenas alguns ministros e dirigentes sindicais, além de eventuais assessores.

— *Discurso do presidente da república durante vistoria às obras do trecho ferroviário Araguaína-Aguiarnópolis da Ferrovia Norte-Sul, em Aguiarnópolis,*

Tocantins, em 23 de maio de 2006 ⇒ Este discurso foi proferido durante visita às obras de um trecho da Ferrovia Norte-Sul, no estado do Tocantins. A visita em questão ocorreu em 23 de maio de 2006, um mês antes da convenção do PT em que Lula aceitou a indicação de seu partido para concorrer à reeleição. Em seu discurso, Lula chega a mencionar a palavra inauguração, mas se corrige rapidamente, pois não se trata de inauguração, mas de “vistoria” às obras. Diz ele: “Eu estou aqui hoje, na frente do povo de Tocantins, fazendo uma inauguração num trecho ... na verdade não é inauguração, é visita a um trecho da ferrovia ...” Não fica muito claro quem, além das autoridades (governadores, ministros, deputados, senadores, presidente do BNDES, prefeitos, secretários estaduais e municipais, vereadores), empresários e jornalistas, constitui a platéia presente. Sabe-se que entre os senadores presentes está o ex-presidente José Sarney, a quem o presidente Lula se dirige pelo nome várias vezes durante seu pronunciamento. O presidente Lula se refere ainda a “companheiros do DNIT” e a “amigos e amigas”, o que sugere estarem também presentes na platéia engenheiros, funcionários e operários da construtora e talvez moradores de cidades vizinhas. Estes moradores seriam “o povo do Tocantins” que Lula menciona no pequeno trecho acima, quando fala erroneamente de inauguração.

As informações acima sobre os seis discursos que contêm as narrativas a serem analisadas contextualizam um pouco esses discursos em termos das ocasiões que lhes dão ensejo. Considerando que a língua não constrói significados em abstrato, mas através de enunciados concretos e localizados, esses dados contextuais fornecem uma base sobre a qual será possível começar a analisar as narrativas pessoais encaixadas no discurso político.

Com base no modelo laboviano apresentado em 2.4.2 e utilizando a noção de história de vida de Linde abordada em 2.4.3, identifiquei 18 narrativas pessoais encaixadas nos seis discursos selecionados. Dei a essas narrativas títulos, que cumprem duas funções. Com um título, fica mais fácil me referir a uma narrativa já apresentada para, por exemplo, fazer comparações com outras. Adicionalmente, pretendo, através do título, não expressar o tópico ou o ponto de cada narrativa, ao menos iluminar alguma particularidade interessante de cada uma delas. A seguir, a lista das narrativas, por discurso (refiro-me aos discursos abreviadamente, usando a palavra ou expressão que coloquei em negrito quando mencionei, nas páginas acima, o título completo de cada discurso):

	Item	Pag
Capítulo 4:		
Discurso do ProJovem – Olinda, PE, 30.03.07		
01) Como virei presidente	4.1.2	57
02) A narrativa das maçãs	4.1.3	61
Discurso do Jovem Aprendiz – São Paulo, SP, 02.06.06		
03) “Graças a um diploma de torneiro mecânico”	4.2.4	68
04) “Eu achava bonito, eu queria ser aquilo”	4.2.5	70
05) “Eu me achava, sinceramente, fantástico”	4.2.6	73
06) “E minha mãe ficou muito orgulhosa de mim”	4.2.7	74
07) Sendo eu quem sou, por ter passado pelo que passei	4.2.8	75
08) Narrativa revisitada: como virei presidente	4.2.9	82
09) Vocês também podem (virar presidente)	4.2.9	82
Discurso do Mova Brasil – Nova Iguaçu, RJ, 14.06.06		
10) A (quase)narrativa das galochas (velhas)	4.3.3	86
11) “E ela ficava tentando esperar o ônibus pela cor”	4.3.4	88
Capítulo 5:		
Discurso da Economia Solidária – Brasília, DF, 27.06.06		
12) “Nós [nos] demos a mão”	5.1.2	94
13) João Ferrador	5.1.3	95
14) Quando a Conforja faliu	5.1.5	99
15) “Um avião todo escrito em inglês”	5.1.6	101
16) “O Brasil era uma coisa um pouco desarranjada”	5.1.7	103
Discurso do Salário Mínimo – Brasília, DF, 27.12.06		
17) “Por causa de uma moedinha”	5.2.1	110
Discurso da Ferrovia Norte-Sul – Aguiarnópolis, TO, 23.05.06		
18) “Um país do tamanho do Brasil”	5.2.2	114

Com exceção da narrativa número 11, que tem como protagonista a mãe do orador, todas as demais são narrativas em primeira pessoa, ou seja, têm o narrador como protagonista. No entanto, argumentarei na análise que mesmo esta narrativa em terceira pessoa – “*E ela ficava tentando esperar o ônibus pela cor*” – permite ao orador se construir identitariamente, com determinadas características reveladas na elaboração narrativa.

As 18 narrativas acima são muito variadas em termos de tamanho. Há desde narrativas breves, como as narrativas 08 – *Narrativa revisitada: como virei presidente* e 09 – *Vocês também podem (virar presidente)*, com quatro e três linhas, respectivamente, até narrativas bastante longas como, por exemplo, a narrativa 01 – *Como virei presidente*, que se estende por 44 linhas. Em termos do grau de conformidade com o modelo laboviano, que utilizo como instrumento para identificar as narrativas dentro do corpo do discurso, há também muita variedade, como veremos no decorrer da análise.

Como explicitado no Capítulo 2, adoto o foco teórico da Análise do Discurso de viés sócio-interacional – ou seja, uma visão anti-essencialista de identidade e uma visão de linguagem como forma de ação situada, como prática social co-construída. Meu objetivo no presente trabalho será identificar os sentidos e as identidades que o presidente Lula constrói nas narrativas listadas acima. Buscarei levantar os recursos lingüístico-discursivos e as estratégias narrativas que ele utiliza. Para isso, usarei, de modo flexível, o modelo laboviano e a noção de história de vida de Linde. Tentarei examinar como as identidades que o presidente Lula constrói nas narrativas funcionam na relação que estabelecem com os vários públicos de seus discursos. Minha abordagem será uma análise qualitativa, de paradigma interpretativista/construtivista. Utilizarei estratégias analíticas apoiadas em conceitos como dialogia e polifonia de Bakhtin e na noção de enquadre de Bateson e Goffman.

3.1

Enquadres superpostos – Discurso, conversa e improvisado

Qualquer discurso pronunciado pelo presidente em eventos e cerimônias oficiais (ou seja, em eventos em que o presidente atua em seu papel de presidente) tem, por definição, um enquadre geral óbvio: trata-se de um discurso do presidente e, como tal, trata-se de um discurso político. O enquadre geral é o enquadre básico, estabelecido pelo cargo que o orador ocupa e pelo evento de fala socialmente reconhecido, convencional, ao qual está associado o gênero discurso presidencial; outros enquadres, que serão posteriormente propostos durante o proferimento do discurso, vão se sobrepor a este enquadre geral, sem eliminá-lo, sem neutralizá-lo.

No texto que introduziu o conceito de enquadre (*frame*) nas ciências sociais,

Bateson ([1972] 2002) se refere a mensagens metacomunicativas, frequentemente implícitas, que sinalizam o que está acontecendo em uma determinada interação (por exemplo, brincadeira ou luta). Essas mensagens metacomunicativas ocorrem nas atividades de comunicação verbal, ou seja no desenrolar mesmo da interação. Como veremos na análise dos dados a seguir, uma série de elementos lingüísticos presentes na fala do presidente Lula, ou seja, no desenrolar da atividade de discursar, vão sinalizar, de dentro do discurso, alguns enquadres que vão se sobrepor ao enquadre geral de discurso político, algumas vezes reforçando-o, outras vezes parecendo querer eliminá-lo, neutralizá-lo.

Penso que é importante chamar a atenção para esse enquadre básico que chamei de enquadre geral e que é estabelecido pelo cargo que o orador ocupa e também pelo tipo evento em que o discurso é proferido a fim de enfatizar que quaisquer outros enquadres construídos posteriormente no decorrer do pronunciamento vão se sobrepor ao enquadre geral, sem eliminá-lo, ainda que sejam com ele conflitantes, e ainda que pareçam estar sendo criados e propostos com o fim mesmo de neutralizar o enquadre de discurso político.

Até aqui tratei a noção de superposição (ou sobreposição) de enquadres de modo abstrato. Passo a exemplificar, usando tanto trechos dos discursos que terão narrativas analisadas, como trechos de alguns outros discursos do presidente Lula.

Logo na abertura do discurso pronunciado em 30.03.07 em Olinda, Pernambuco, na formatura do programa ProJovem, o Presidente Lula propõe um reenquadre que neutralizaria o enquadre geral de discurso-político:

“Na verdade, eu estou com um discurso muito bem feito, e eu queria pedir duas coisas aqui. Primeiro, que o prefeito de Recife depois pedisse para que esse discurso fosse impresso e distribuído para os estudantes. Depois, a minha equipe distribui para a imprensa, porque o discurso está muito bom, **mas eu quero falar um pouco com a minha alma**, porque eu acho que **nós temos que ter uma conversa muito sincera** aqui com vocês.”

Ao dizer no discurso da formatura do ProJovem que quer “falar um pouco com a alma” e “ter uma conversa sincera”, o presidente Lula abre mão de ler o discurso pré-preparado e passa a falar de improviso. Essa proposta explícita de neutralização do enquadre discurso-do-presidente/ discurso-político e de reenquadre

do pronunciamento como “conversa” se repete em outros dois discursos entre os seis selecionados para análise e passa sempre pela recusa do discurso escrito, pré-preparado por assessores.

No discurso proferido em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, em 14.06.06, na cerimônia de formatura de um programa de alfabetização de adultos chamado Mova Brasil, logo após longos agradecimentos a vários dos presentes, o presidente Lula inicia assim o discurso propriamente dito:

“Gente, **eu tinha, eu tenho um discurso escrito aqui para ler, mas não vou ler.** Eu vou **conversar**, se me permitem, eu vou conversar um pouco com vocês.”

E no discurso feito em 23.05.06 durante vistoria às obras do trecho ferroviário Araguaína-Aguiarnópolis da Ferrovia Norte-Sul, o presidente Lula abre seu pronunciamento anunciando que vai “contar uma história”:

“**Eu vou esquecer um pouco o que está escrito no meu pronunciamento e vou contar uma história** para vocês.”

Em um discurso pronunciado em 26.05.06, em Brasília, DF, no encerramento da 1ª. Conferência Nacional dos Direitos dos Idosos (e que não está entre os selecionados para análise), o presidente oferece um motivo para não ler o discurso pré-preparado quando diz:

“Eu trouxe um discurso por escrito, **mas não vou ler, não, porque ler é chato**, eu fico aqui de cabeça baixa, mas, uma coisa eu queria dizer para vocês ...”

A recusa do discurso escrito e a opção pelo improviso parecem acontecer com maior frequência frente a audiências formadas por pessoas das chamadas camadas populares: jovens ou adultos pobres atendidos por programas do governo, operários e trabalhadores em geral. Pelo menos é o que depreendo da leitura informal que fiz de uma série de discursos do período em questão. Mas a opção pelo improviso não está, de maneira alguma, restrita a essas audiências. Ao se dirigir a uma platéia de empresários, por ocasião da abertura do Encontro Nacional da Indústria da Construção em Brasília, DF, em 03.10.07, o presidente Lula diz:

“Prometo não fazer discurso, **prometo não ler o meu discurso** porque tem hora em que nem eu me agüento, quanto mais pedir para vocês terem paciência.”

A proposta de reenquadre do pronunciamento político como conversa passa pela recusa em ler o texto pré-preparado e pela definição de tudo o que vai ser dito dali para a frente como improvisado, fala espontânea, discurso não-preparado. As escolhas lexicais, mais simples do que as do discurso escrito; a estruturação das frases, típica da fala espontânea, com falsos começos e muitas repetições; além de diversos outros marcadores da linguagem oral sinalizam, de dentro do discurso, o reenquadramento do discurso político como conversa. Esse reenquadramento aponta para uma suposta maior sinceridade da fala espontânea quando contraposta ao discurso pré-preparado e para o improvisado como o território da verdade, como se a falta de um texto escrito garantisse a sinceridade do discurso.

A idéia de que o improvisado como que pegaria o orador de surpresa e de que, sem seguir um texto escrito, o orador se revelaria à audiência, mesmo que sem querer, está embasada em noções do senso comum sobre comportamento verdadeiro e sincero versus comportamento insincero e dissimulado. A dissimulação exigiria premeditação e autocontrole enquanto a sinceridade precisaria apenas de um agir e um falar não-premeditados, espontâneos. Expressões e provérbios mostram que essas noções estão enraizadas na própria língua, no uso da qual construímos nossas identidades sociais. O provérbio “no vinho, a verdade”, por exemplo, aponta para essa relação verdadeiro/ espontâneo em oposição a não-verdadeiro/ contido.

No entanto, dentro de uma perspectiva sócio-interacional da linguagem, que privilegia a língua em uso, é possível problematizar a idéia de que o discurso de improvisado seja feito sem preparo. Citando Hymes, Becker e Bolinger, Tannen ([1989]1999) sugere que nossa produção lingüística é extensivamente calcada em processos de repetição. “O verdadeiro a-priori de qualquer língua – a verdadeira estrutura profunda – é uma acumulação de textos anteriores” (Becker, apud Tannen, [1989]1999, p. 37). Da mesma forma, as narrativas encaixadas que povoam muitos dos improvisos do presidente Lula, como veremos adiante, são contadas e recontadas muitas vezes, o que, por si só, já invalida a visão do improvisado como o não preparado, o novo, o inesperado.

Proponho, portanto, como mais apropriada para definir o improviso no discurso político (de preferência à acepção mais comum de “tudo aquilo que é feito ou dito sem preparação, sem ensaio prévio”) a definição de improviso sob a rubrica “música”, ou seja, “conjunto de modificações momentâneas introduzidas pelo intérprete numa composição, no momento da execução” (ambas as definições retiradas do Houaiss). Assim, ao contar e recontar, “de improviso”, episódios de sua vida, o presidente estaria apresentando versões ou interpretações de um conjunto finito de histórias pessoais, adaptadas ao contexto, à audiência, ao momento, ao lugar e a seus objetivos específicos num discurso específico.

Considero ainda que um sentido construído por essa recusa do discurso pré-preparado e opção pela fala improvisada seria o de reforçar simbolicamente a agentividade do orador. Sendo homem de pouco estudo, um operário, sobre Lula sempre pairou a suposição de que não estaria preparado para dirigir o país. No seu primeiro mandato, quando José Dirceu ainda era chefe da Casa Civil e seu braço-direito no governo, havia uma crença mais ou menos generalizada em alguns setores da sociedade de que era Dirceu quem verdadeiramente dirigia o país. Ao recusar o discurso escrito por assessores e partir para o improviso, o presidente Lula assume concomitantemente os papéis de animador, responsável e autor (Goffman [1979] 2002); essa atitude confirma, simbolicamente, sua agentividade na condução do governo, respondendo, bakhtinianamente, a esses enunciados anteriores sobre não ter ele preparo para governar.